

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA MOÇAMBICANA: ANÁLISE DO CORPUS E
DESAFIOS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**MOZAMBICAN LINGUISTIC VARIATION: CORPUS ANALYSIS AND
CHALLENGES IN TEACHING THE PORTUGUESE LANGUAGE**

**VARIACIÓN LINGÜÍSTICA MOZAMBIQUEÑA: ANÁLISIS DEL CORPUS Y
DESAFÍOS EN LA ENSEÑANZA DEL IDIOMA PORTUGUÉS**

Sousa Horácio Bartolomeu¹ 0009-0007-6596-7510

¹Universidade Zambeze – Faculdade de Ciências Agrárias – Tete, Moçambique;
sousahoracio5@gmail.com

RESUMO:

Neste artigo analisamos construções consideradas como variantes com objetivos de (i) descrever como a língua portuguesa é usada em Moçambique, (ii) compreender os níveis de variação, (iii) apresentar possíveis propostas de tratamento destas variações no contexto da sala de aulas e (iv) analisar o manual escolar da 12ª classe usado no ensino em Moçambique a fim de identificar a Língua utilizada e possível presença ou ausência das variações no seu interior. A pesquisa é descritiva e aplicada e para o alcance dos objetivos recorreremos a técnica de teste provocado submetido a 20 estudantes do 4º ano do curso de Ensino de Português da Universidade Púnguè – Extensão de Tete. No final, obtivemos 80 construções. Os desvios centravam-se em (i) co-ocorrência de palavras da mesma classe gramatical “Onde” e “Que”, (ii) falta de concordância entre o pronome de tratamento “Você” e possessivo “Teu/a”; e (iii) construções relativas Resumptivas, Copiadoras e Cortadoras. No final concluímos que os moçambicanos produzem construções distantes da Norma em uso, entrando em colapso com os manuais de ensino que usam a Norma Europeia descartando essas variações. Nisto, os professores precisam de encontrar técnicas diversificadas para ensinar essas variações, incluindo a promoção de palestras e eventos científicos.

Palavras-chave: variação linguística. Moçambique. língua Portuguesa.

ABSTRACT:

In this article, we analyze constructions considered as variants with the objectives of (i) describing how the Portuguese language is used in Mozambique, (ii) understanding the levels of variation, (iii) presenting possible proposals for addressing these variations in the classroom context, and (iv) analyzing the 12th-grade textbook used in education in Mozambique in order to identify the language used and the possible presence or absence of variations within it. The research is descriptive and applied, and to achieve the objectives, we used a provoked test technique applied to 20 fourth-year students of the Portuguese Teaching course at Púnguè University – Tete Extension. In the end, we obtained 80 constructions. The deviations centered on (i) co-occurrence of words of the same grammatical class “Where” and “That”, (ii) lack of agreement between the pronoun of address “You” and the possessive “Your”; and (iii) resumptive, copying, and cutting relative constructions. In conclusion, we found that Mozambicans produce constructions that deviate from the standard in use, leading to conflicts

with teaching manuals that use the European standard and disregard these variations. Therefore, teachers need to find diverse techniques to teach these variations, including promoting lectures and scientific events.

Keywords: linguistic variation. Mozambique. portuguese language.

RESUMEN:

En este artículo, analizamos construcciones consideradas como variantes con los objetivos de (i) describir cómo se usa la lengua portuguesa en Mozambique, (ii) comprender los niveles de variación, (iii) presentar posibles propuestas para abordar estas variaciones en el contexto del aula, y (iv) analizar el libro de texto de 12.º grado utilizado en la educación en Mozambique para identificar el lenguaje utilizado y la posible presencia o ausencia de variaciones dentro del mismo. La investigación es descriptiva y aplicada, y para lograr los objetivos, utilizamos una técnica de test provocado aplicado a 20 estudiantes de cuarto año del curso de Enseñanza de Portugués en la Universidad de Púnguè – Extensión Tete. Al final, obtuvimos 80 construcciones. Las desviaciones se centraron en (i) coocurrencia de palabras de la misma clase gramatical “Dónde” y “Que”, (ii) falta de concordancia entre el pronombre de tratamiento “Tú” y el posesivo “Tu”; y (iii) construcciones relativas de reasunción, copia y corte. En conclusión, observamos que los mozambiqueños producen construcciones que se desvían del estándar vigente, lo que genera conflictos con los manuales de enseñanza que utilizan el estándar europeo y no tienen en cuenta estas variaciones. Por lo tanto, los docentes deben buscar diversas técnicas para enseñar estas variaciones, incluyendo la promoción de conferencias y eventos científicos.

Palabras clave: variación lingüística. Mozambique. idioma portugués.

Introdução

Conforme Wache (2018), Lindonde (2018) e Bartolomeu e Sandaca (2025) Moçambique é um país multilingue e até hoje, a discussão sobre o número de línguas moçambicanas é incerta, pois alguns estudos como o Censo (2017, p.25) apresenta a lista de 9 línguas, diferenciando-se dos estudos de Firmino (1998) que apresenta (15) línguas, e Wache que apresenta uma lista de 40 línguas bantus faladas em Moçambique diferenciando-se de outros dados como os de Ngunga e Bavo (2011) que aponta existirem (33) línguas. Diante desta incerteza, Wache (2018) arrisca em afirmar que em Moçambique, atualmente, tenha um total de quarenta (40). Num universo de 27.864.265, cerca de 10.922.792 da população fala a língua portuguesa, o que corresponde a 39,2% segundo os dados do Senso (2017, p.25). Como se pode depreender, cerca de 60,8% não falam a língua portuguesa. Muitos estudos desenvolvidos demonstram que o português falado em Moçambique distancia-se, totalmente, da norma europeia que é usada naquele território e os motivos destas diferenciações do uso “aponta-se a influência das línguas moçambicanas” Bartolomeu e Sandaca (2025).

Num país onde se fala muitas línguas, a discussão sobre o “certo” e o “errado” acaba sendo um tema muito completo, pois a língua como instrumento social de comunicação,

manifesta-se de forma diferente e cada vez que as tecnologias vão evoluindo, também se nota a entrada de vocábulos novos, esta é a razão pela qual se acredita que a língua não é um fenómeno estático. Essas formas diversificadas da manifestação da língua na sociedade são denominadas de variação, um conceito que Cunha e Cintra (1999) consideram como fenómeno inerente às línguas, podendo ocorrer em todos os níveis: fonético, fonológico e morfossintático. Assim, nas palavras dos autores “essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais”. Porém, vale ressaltar que, nem todas as formas diferentes de usar a língua podem ser variações, mesmo que seja o uso de um grupo de pessoas. o exemplo disto são as manifestações em (1, 2 e 3)

1. ... você como mulher deve saber encontrar o teu lugar...
2. ...Você como pessoa crescida, deves dar conselho aos que precisam...
3. A menina que tu referiste naquele dia é essa.¹

A variação linguística como uma manifestação da língua que identifica um grupo de falantes, pode por vezes perder este estatuto na medida em que essa forma diferente de manipular a língua estiver fora de uma certa norma que a orienta. Assim como existem construções linguísticas (formas diferentes) de um grupo de falantes que a gramática normativa dá um espaço para o seu uso, também existem outras que não são dadas. Como sustenta Gonçalves e Vicente (2005, p.2), “o termo erro de língua só faz sentido quando o objecto linguístico classificado como tal – uma palavra ou uma expressão linguística, etc. – é contrastado com uma norma.” As mesmas ideias são reforçadas por Stroud (1997, p.9, citado por Gonçalves, 2005) ao sublinhar que “um erro só é erro na medida em que pode ser julgado em confronto com uma norma específica.”

As construções em (1,2 e 3) foram produzidas me Português por grupos de falantes diferentes e a nossa sociedade não são estranhas. Em (1), por exemplo, observa-se a ausência de concordância entre o pronome de tratamento da segunda pessoa do singular “VOCÊ” com o pronome possessivo “TEU”. As mesmas ocorrências são semelhantes com o que se observa em (2), entretanto, nesta construção, a falta de concordância acontece entre o pronome “VOCÊ” e a forma verbal “SABES”. Estas construções são classificadas, segundo Gonçalves (2005) e Stroud (1997) como erros, pois pode ser julgado em confronto com a gramática normativa. Já em (3) temos uma construção que Bartolomeu e Sandaca (2025) chamaram de variação moçambicana envolvendo a diversidade linguística como possíveis causas da formação de

¹ Exemplo extraído em Bartolomeu (2023, p. 60).

construções deste género. Mas, o principal problema neste trabalho não é sabermos o que é certo ou errado, mas sim (i) descrever como a língua portuguesa é usada em Moçambique e (ii) trazer possíveis propostas de como tratar essas variações dentro da sala de aulas.

Conceito de Erro, certo, acerto e Variação linguística

Erro, certo e acerto

Numa sociedade onde existem muitas línguas, questões de erro linguístico tem perdido a sua força quando este é confrontado com o desenvolvimento social. Para o caso da língua portuguesa, é possível observar-se construções linguísticas totalmente diferentes em cada região. Alguns autores como Stroud (1997, p.9, citado por Gonçalves, 2005) definem e acreditam que “um erro só é erro na medida em que pode ser julgado em confronto com uma norma específica”, assim, construções como em (1 e 2), seriam considerados de erros, pois a norma europeia em uso em Moçambique sustenta que é preciso que haja coordenação de termos dentro de uma construção linguística. Porém, as mesmas ideias são rejeitadas por Segundo Bagno (2002 p. 25-26) quando afirma que “[...] simplesmente não existe erro em língua. Existem, sim, formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical”. Para o mesmo autor “[...] quando se trata de língua, só se pode qualificar de erro aquilo que comprometa a comunicação entre os interlocutores”.

1.1.... você como mulher deve saber encontrar o teu lugar...

1.2.... **Tu** como mulher deves saber encontrar o teu lugar...

1.3. ... você como mulher deve saber encontrar o **seu** lugar...

Assim, para Bagno (2002), a construção em (1.1) é aceitável na comunidade linguística, pois não compromete a comunicação, não pouco altera o sentido da mensagem. Enquanto para Stroud (1997, citado por Gonçalves, 2005), esta construção está errada, pois viola as normas gramaticais. Assim, para este autor, apenas as construções em (1.2 e 1.3) seriam correctas para o uso diante da mesma norma.

O termo “erro” segundo Possenti (1996) pode ser olhados em dois eixos, o primeiro com base na norma explícita e a segunda com base na linguística descritiva. Para o primeiro eixo, o autor concorda com as ideias de Stroud (1997, citado por Gonçalves, 2005) ao afirmar que este eixo é aprendido nas escolas e refere-se a “tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem”, doutro lado, para o segundo eixo, que é a linguística descritivista, uma parte da linguística que propõe a descrever a variante da língua independentemente do

prestígio social da mesma, olha-se o erro como “ocorrência de formas ou construções que não fazem parte, de maneira sistemática, de nenhuma das variantes da língua”.

Para este autor, as formas diversificadas de usar a língua, nunca podem ser julgadas como erros, isto é, a construção apresentada acima em (1.1) não se trata de erro, mas sim uma variedade. Para Possenti (1996, p.80) somente podem ser considerados de erros linguísticos aquelas construções que “aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades da língua” como se observa em (1.4). O que se observa neste exemplo é falta de concordância exagerada dos termos entre os pronomes pessoais que, no sintagma nominal temos o sujeito “Você” e no sintagma verbal temos a forma verbal “Deves” na segunda pessoa. Assim, esta forma verbal, além de não obedecer a concordância entre o primeiro termo e o segundo, também nota - se entre o sujeito e o pronome possessivo “vosso”.

1.4... voçê como mulher deves saber encontrar o vosso lugar...

Este olhar de Possenti (1996, p. 80) permite descrever a diferença existente entre “diferença linguística” e “erro linguístico”. Assim, pode-se concluir que o “erro” como tal não existe nas gramáticas descritivas, o que existem são as diferenças linguísticas, a variação linguística, a forma diferente de usar a mesma língua em contextos diferentes. Por causa destes pensamentos normativos de “erro” e “certo”, Travaglia (2002, p. 66) chama atenção na questão de se reflectir sobre essas duas terminologias sustentando que “é preciso substituir definitivamente a ideia de uso certo e errado pela de uso adequado e não adequado”.

Essa sugestão vem como forma de se deixar de forma a ideia de erro, uma expressão que desvaloriza o desenvolvimento língua como um sistema não estático. O termo “não adequado” seria usado em circunstâncias em que a língua esteja a ser usada como instrumento de comunicação por um grupo de falantes que se entendem e partilham as suas ideias e culturas, doutro lado, “adequado” seria usado para atender as directrizes propostas pela gramática normativa. Outro termo linguístico que pode ser recorrido para se distanciar da negatividade do termo “erro”, segundo Bagno (2002, p. 67) seria “acerto”, uma expressão que segundo o autor traz um aspecto positivo.

Variação linguística

A língua, como afirmam as literaturas, é um sistema unitário de comunicação que, ao longo dos anos, mostra várias mudanças desde o nível Sintáctico, Semântico, Fonológico e Pragmático, essas mudanças ou diferenças observam-se devido a vários factores.

Segundo De Souza (2016, p.17):

[...] a experiência mostra que as sociedades são constituídas por indivíduos que vivem em um contexto social diferenciado, em que se encontram pessoas com poder aquisitivo que, pertencem às classes sociais, denominados como: ricos e pobres, com instrução acadêmica ou não, desde a mais tenra idade até a idade idosa, de qualquer gênero, que apresentam uma diversidade de conflitos e que se submetem a mudanças necessárias para o bom convívio na sociedade.

Como afirma a autora, uma das razões das diferenças linguísticas é o contexto social diferenciado. Com certeza, numa sociedade onde existem pessoas com os níveis de escolaridade diferentes, poderão usar a língua de forma diferente. Segundo Bartolomeu (2023), a construção (3.1) é típica de proficiência linguística de uma pessoa ou grupo de pessoas com menos nível de escolaridade diferentemente do que se observa em (3.2). Nestes exemplos, o que se nota é que, no primeiro caso, nota a presença a presença de um pronome pessoal numa posição em que deveria ocorrer a categoria vazia. Estas construções são denominadas como orações relativas resumptivas. As duas orações relativas descrevem, na prática, as ideias de SOUZA (2016) e isto, segundo esta autora, chama-se variação linguística.

3.1. A menina que tu referiste naquele dia é essa.

3.2. A menina que [-] referiste naquele dia é essa.

Isto demonstra que a língua não é usada da mesma forma diante de pessoas com estatutos, idades e gêneros diferentes. Na comunidade, o “erro” é mais conhecido, não apenas pelas pessoas menos escolarizadas, como também pelas que possuem o nível alto de escolaridade. Para isto, os professores possuem uma missão enorme de demonstrar que, na sociedade, ninguém fala errado, mas sim diferente de outra pessoa ou grupo de pessoas. Sobre isso, Rocha (2002) chama a atenção para a necessidade de os professores assumirem esse fato.

Como sustenta Cagliani (1997) “O professor de português deve ensinar aos seus alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações das suas vidas”.

A citação acima demonstra que a língua não pode ser ensinada apenas na base da gramática normativa, uma verdade observada nas escolas, mas sim olhar a língua como um instrumento social e com variedades. Esse conhecimento é extremamente importante, pois deixa o aluno preparado para encarar e não julgar “certo” ou “errado” as formas diferentes da manifestação da língua na sociedade. Um professor que ensina apenas a gramática normativa

dentro da sala de aulas, dirá que as construções em (1, 2 e 3) são erradas, mas um aluno que aprendeu a manifestação da língua e suas demais variedades e a sua função no processo comunicativo, julgarão como variação linguística.

Metodologia

A nossa pesquisa caracteriza-se como descritiva quanto aos objectivos e qualitativa quanto a natureza. Para Segundo Gil (1999, cit. por Oliveira, 2011, p.21), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenómeno. A pesquisa qualitativa segundo (Oliveira, 2011, p.25), os dados coletados são predominantemente descritivos e o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, fotografias, desenhos, documentos. A nossa pesquisa enquadra-se nestes tipos, porque procuramos descrever a manifestação da língua portuguesa usada por um grupo diversificado de falantes, posteriormente procuramos analisar as construções linguísticas destes usuários.

O Corpus foi extraído em textos produzidos por estuantes do 4º ano do curso de ensino de português da Universidade Púnguè – Extensão de Tete. Cada estudante produziu um texto com temáticas a sua escolha. No final, tivemos 20 textos transcritos no Microsoft Word 2010 que resultaram em 3.871 palavras com carácter. Em cada texto, foram extraídas 4 construções resultando em 80 frases com variações linguísticas diferentes. É verdade que, nas frases extraídas, notam-se variações diversificadas, para isso, preferimos escolher algumas categorias como (i) co-ocorrência de palavras da mesma classe gramatical “Onde” e “Que”, (ii) falta de concordância entre os termos dentro de uma frase, (iii) uso do pronome “Onde” como nocional e (iv) formação de relativas resumptivas e cortadoras.

Apresentação e análise de *corpus*

A Língua Portuguesa (LP) em Moçambique é segunda (LS) para um número maior da população. Vários estudos desenvolvidos demonstram este distanciamento por meio de pesquisas descritivas e aplicadas. Alguns que já desenvolveram pesquisas desta natureza, recentemente, foram Bartolomeu e Sandaca (2025a), Bartolomeu e Sandramo (2024b), Wache (2018), Lindonde (2018), nas conclusões, todos demonstram estarem cientes do distanciamento da LP da norma europeia. Uma vez se tem o conhecimento de que as pessoas não falam da mesma

forma a língua, há necessidade dos professores consciencializar os alunos, dentro e fora da sala de aulas, sobre essa diversidade linguística e que não existem usos errados da língua.

Na tabela abaixo, listam-se (6) seis categorias das variações linguísticas encontradas em textos produzidos pelos estudantes do 4º ano do curso de ensino superior.

Tabela1: Entradas canónicas e desviantes

| Categoria | Emprego | |
|-------------------------------|------------|------------|
| | Frequência | Percentual |
| Onde que | 12 | 15 |
| Concordância | 14 | 17,5 |
| Orações relativas resumptivas | 18 | 22,5 |
| Orações relativas copiadoras | 9 | 11,25 |
| Orações relativas cortadoras | 27 | 33,75 |
| Total de ocorrências | 80 | 100 |

Fonte: Autor, 2025

Onde Que

Segundo Bartolomeu e Sandaca (2025), as construções com co-ocorrências “Onde que” são aquelas que consistem no uso de duas palavras da mesma classe gramatical. No caso, seriam os pronomes relativos “Onde” e “Que” que na sua classe morfológica possuem funções diferentes, mas no caso são usados juntos e com a única função de indicar lugar. O estudo desenvolvido por Bartolomeu e Sandaca (2025) chama esta ocorrência de “desvio” diante da gramática normativa.

2. No começo a situação estava normal, mas quando comecei a notar algo estranho é aí onde que a situação começou a ter outro rumo. (EEP-UNIPÚNGUE)

A construção em 2, foi formulada por um estudante do 4º ano do curso de Licenciatura em Ensino de Português. Em Moçambique construções desta natureza são frequente se normalizadas em vários contextos comunicativos desde as pessoas mais escolarizadas (Bartolomeu, 2023, p.65), as menos escolarizadas.

2.1. [...] quando comecei a notar algo estranho é aí onde ~~que~~ a situação começou a ter outro rumo.

Assim, para a Gramática Normativa Europeia em uso em Moçambique, para que esta construção seja gramaticalmente aceitável para o uso, teria que recorrer ao processo de apagamento como demonstrado em 2.1. demonstrando que o constituinte “Onde”, na língua portuguesa é apenas usada em situações em que se tenha a ideia de lugar e que a expressão que o antecede tenha marcas de + LUGAR (+LOC). Neste caso, essa expressão nominal com essas características seria o pronome deíctico “aí”. A sua versão correcta seria a que se observa em 2.2. com um espaço vazio demonstrando a ausência do constituinte linguístico removido.

2.2.[...] quando comecei a notar algo estranho é aí onde Ø a situação começou a ter outro rumo.

Concordância entre “Você” e “Teu/Tua”

A concordância dos termos numa frase ou oração, podem incidir em qualquer parte, não só, também podem ser de várias formas, seja nos argumentos externos como Determinante e Nome, seja nos argumentos internos como a relação entre núcleo verbal e os seus complementos. Como se pode depreender, tratar sobre a relação entre essas partes, de forma geral, seria um trabalho longo, razão pela qual recorreu-se apenas a relação existente entre o pronome de tratamento da terceira pessoa “VOCÊ” e o pronome possessivo da 2ª pessoa do singular “TEU/TUA”. Segundo Da Mata (2024, p1) os pronomes possessivos são aqueles que “referem as pessoas do discurso atribuindo-lhes a posse de alguma coisa”.

De acordo com a Gramática Normativa (GN) Europeia, a concordância entre essas palavras é crucial para transmitir as informações sem quebrar as relações existentes entre o emissor e o receptor. Porém, a língua como sistema de comunicação inserido no meio social, o seu uso vai se distanciamento da norma estabelecida e direcciona-se para a sociedade acompanhando as necessidades e processos evolutivos da mesma. Distante da norma, as construções em 3. 4. 5. e 6., demonstram esse contacto entre a língua e a comunidade, uma relação julgada pelas GN’.

3. Minha irmã, para [você] notar que este homem é da [tua] vida, veja os sinais.
4. ...então, [você] como mulher deve saber o [teu] lugar.
5. Eu ia dizer. [Você] fica aí mesmo, este é o [teu] lugar.

6. ...Então, **[você]** tem 5 dias para escolher a bandeira do **[teu]** país.

Em todas as construções, observa-se o emprego do pronome de tratamento “VOCÊ”. Algo diferente do que se esperava, o uso do pronome “TEU” como em 4. 5. 6., e “TUA” em 3. Nestes contextos, as GN's sustentam que os pronomes possessivos, dentro da mesma frase ou oração, devem concordar entre si para cumprir não apenas com as exigências sintáticas, como também semânticas. Isto é, o correcto devia ser o que se observa em 3.1, 4.1, 5.1 e 6.1 abaixo.

3.1.Minha irmã, para **[você]** notar que este homem é da **[SUA]** vida, veja os sinais.

4.1....então, **[você]** como mulher deve saber o **[SEU]** lugar.

5.1.Eu ia dizer. **[Você]** fica aí mesmo, este é o **[SEU]** lugar.

6.1....Então, **[você]** tem 5 dias para escolher a bandeira do **[SEU]** país.

Relativas resumptivas

Segundo Alexandre (2000, cit. por Bartolomeu, 2023, p.68) conceitua as orações relativas resumptivas como àquelas que são identificadas pela presença de um pronome resumptivo na posição em que deveria ocorrer a categoria vazia. Geralmente, o pronome forçado, desnecessariamente, reforça a forma compreensão no processo comunicativo. Essas construções relativas em Moçambique, já foram estudadas por vários autores, Bartolomeu (2023), por exemplo, acredita que as pessoas menos escolarizadas são responsáveis por essas formas. Ou seja, para este autor, as pessoas com o nível alto de escolaridade não produzem orações relativas resumptivas.

7. Há dias morreu alguém só por 60 mil. Vejam **[onde que nós chegamos.]**

8. A maria gostava dele. Ele poderia pedir o divórcio e esquecer **[que ela]** existe.

9. ... por exemplo o ruído **[que nós escutamos]**, distrai a nossa atenção nas aulas.

Em (7) temos a co-ocorrência de pronomes relativos, uma questão já abordada na secção anterior. A novidade nesta construção é a existência do pronome pessoal “nós” na posição pós nominal, uma ocorrência denominadas por Bartolomeu (2023) de desvio, quando confrontado com a GN. Em várias circunstâncias comunicativas, em Moçambique, construções desta natureza são normalizadas, seja na vertente oral como sustentam os estudos de Gonçalves e Stroud (1998), assim na escrita como apontam os estudos de Bartolomeu (2023), portanto se

esta forma de fala e escrita define um grupo de falantes, não há necessidade de considerar essas falas de desvios, tão pouco de erros, mas sim, variações linguísticas.

Orações relativas copiadoras e cortadoras

As orações relativas copiadoras e cortadoras são estratégias de construção de orações relativas. As copiadoras são aquelas que apresentam uma cópia do Sintagma Nominal (NP) na posição de Sintagma Complementador (CP) como mostra em (10) e (11).

10. Antes de mais nada, agradecer a Deus pela vossa presença. Que essa grande luz que eu sempre falei dela, dirija o nosso país.

10.1. Que [DP [NP **essa grande luz** [CP que eu sempre falei **dela...**]]]

11. Mesmos as próprias provas que sempre falamos dela, não iremos conseguir fazer quando for dada pelo ...

11.1. [DP [NP **as próprias provas** [CP que sempre falamos **dela ...**]]]

As expressões destacadas dentro de NP, “essa grande luz” em (10.1) e “as próprias provas” em (11.1) possuem as suas cópias destacadas dentro de CP “delas”. As GN's olham essas construções como erros, pois não obedecem as normas estabelecidas que são de corte destas cópias. Para Bartolomeu e Sandaca (2025), a versão aceitável seria a eliminação destas cópias sublinhadas na posição de CP e repor a regência destes verbos tal como orienta a estratégia cortadora como se observa em (10.2) e (11.2).

10.2. Que [DP [NP **essa grande luz** [CP_i da qual ~~e~~ sempre falei_{ti} ~~Ø~~ **dela...**]]]



11.2. [DP [NP **as próprias provas** [CP_i das quais sempre falamos ~~Ø~~ **dela ...**]]]



O que se observa acima é o apagamento dos pronomes cópias. Os sinais indicam o movimento das preposições nas suas posições para a posição de CP. A falta destes movimentos,

resulta em construções denominadas relativas cortadoras que consistem na inexistência de preposições nas posições obrigatórias como se observa em (12).

12. Depois de todo o ocorrido, o colega que me referia não conseguiu nem vir na faculdade.

O verbo “referir” rege a preposição “de” e nesta construção não aparece. Normalmente, como se mostra em (10.2) e (11.2), a preposição deveria aparecer logo depois do SN “o colega”. Assim, essa construção, segundo as GN's só poderia ser usada para o processo comunicativo se obedecesse esses parâmetros como ilustra em (12.1).

12.1. [DP [NP o colega [_i do qual me referia _{ti} ...]]]



No corpus acima, verificam-se o que podemos chamar de “erro linguístico”, assim como “diferença linguística” de acordo como situações. Essas designações são propostas por Possenti (1996) para demonstrar que a língua poderia ser vista em duas vertentes diferentes. A primeira que julga as formas diferentes do uso da língua diante das gramáticas normativas, e segundo diante da comunidade de fala, os aspectos sociais.

Ora, a língua como um sistema de comunicação, não deve ser confrontado com as GN's, pois o objectivo é comunicar. Por causa deste objectivo, Bagno (2002, p.25) conclui que “não existe erro em língua”, mas sim diferenças de formação de frases para exprimir ideias. O que se apresentou acima, são essas diferenças linguísticas dos falantes que vai se observa, não apenas na fala, como também na escrita, uma situação nos deixaria pensar sobre as possibilidades de adoptar essas variações nas futuras gramáticas. Afinal de contas, a língua representa a sociedade e a cultura.

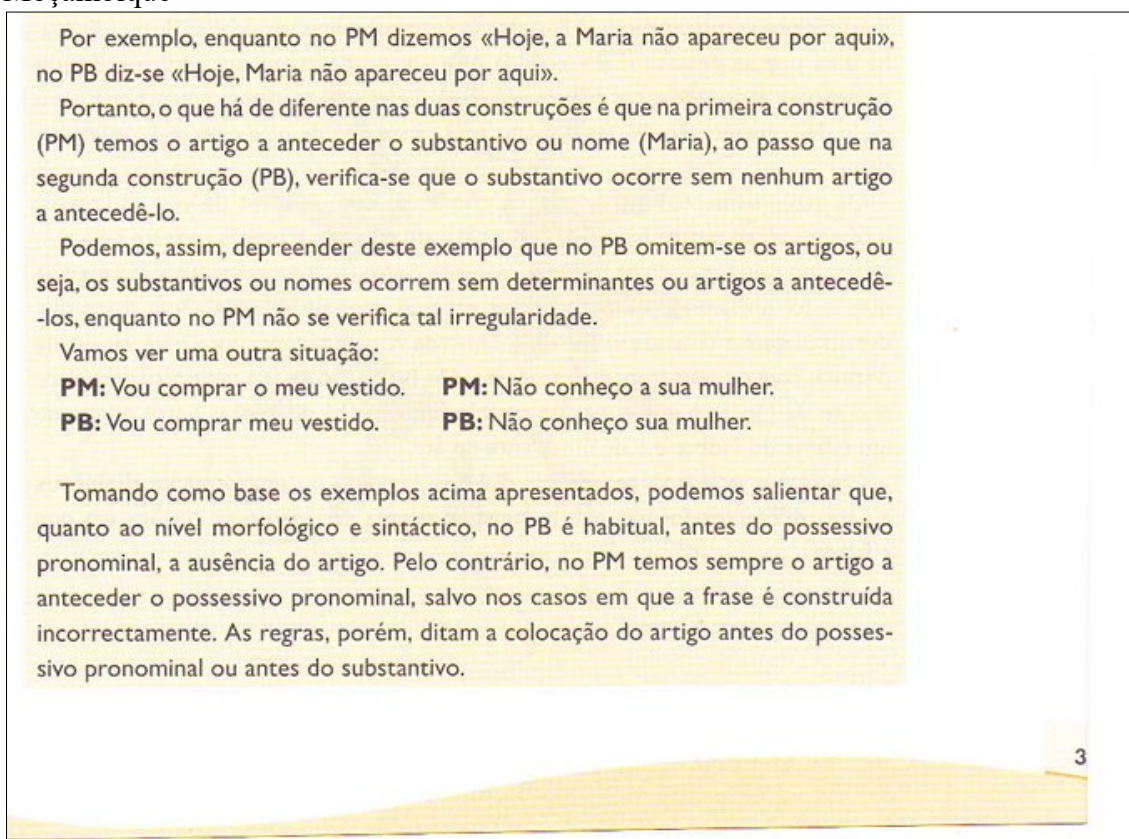
Desafios de ensino de língua portuguesa em escolas

É verdade que nas instituições de ensino existem manuais que os professores devem seguir para cumprir um determinado programa de ensino, porém é importante recordar que nem todos os todos os conteúdos constam nos manuais, daí que o professor precisa de ser criativo e aproveitar esta oportunidade para explicar aos alunos sobre a diversidade linguística e a

necessidade de olhar essas formas diferentes da manifestação da língua, não como erros, mas sim como variações.

Os manuais de ensino usados em Moçambique ainda se inclinam nas gramáticas normativas. As construções distantes da norma europeia são olhadas “irregulares” e não como variação.

Imagem1: Tratamento da variação linguística no ensino pré-universitário do 2º ciclo em Moçambique



Fonte: Manual de Língua Portuguesa, 12ª classe

A imagem acima, foi extraída no manual de Língua Portuguesa da 12ª Classe do Ensino Pré-universitário numa Unidade Temática onde são abordados os textos jornalísticos e a variação da língua no espaço.

Conforme a imagem demonstra, apresenta-se a diferença da mesma língua em lugares diferentes. Para Moçambique, o texto diz que usamos os artigos, em todas as construções diferenciando-se com o Português brasileiro. Para recordar, o português usado e ensinado em Moçambique alinha-se a norma europeia, ela determina o que está errado e o que está certo. Ou seja, a construção linguística produzida em Moçambique e que esteja distante desta norma, considera-se errado. Este pensamento observa-se, igualmente, nas escolas moçambicanas.

Na imagem acima, agrafa-se “...no MP temos sempre o artigo a anteceder o possessivo pronominal, salvo nos casos em que a frase é construída **incorrectamente**. As **regras porém ditam a colocação do artigo antes do possessivo pronominal ou antes do substantivo**.”

Este extracto retirado no último parágrafo da imagem, demonstra que nas escolas moçambicanas, a língua Portuguesa é ensinada mediante a norma europeia, isto faz com que os alunos olhem as suas formas diferentes de usar a língua como erros, diminuindo assim a auto-estima durante a comunicação. Como afirma Bagno (2002) “não existe erro em língua”. Os professores precisam de não se prenderem aos manuais didácticos e olharem a realidade e a dinâmica da língua com vista a fazerem valer as ideias do autor acima citado que valoriza o desenvolvimento da língua. Para Bagno, na língua, apenas “ existem formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical”.

Da forma como o manual alisado considera as construções que não vão de acordo com as GN's, seriam também incorrectas as construções apresentadas nas seções anteriores, um conhecimento que vai contra a variação da língua como um sistema de comunicação social.

Conclusões

A língua como um sistema de comunicação, desenvolve ao longo de tempo devido a vários factores como sociais, desenvolve ao longo de tempo devido a vários factores como sociais, desenvolve ao longo de tempo devido a vários factores como sociais como Sexo, Escolaridade; Económicos como o estatuto, rico ou pobre; assim como Cultural. Quer – se com isto dizer que, a língua não se manifesta da mesma forma na sociedade, já que o seu objectivo é garantir a comunicação, então há necessidades de respeitar essas formas diferentes de uso. Neste trabalho intitulado “Variação linguística moçambicana: Análise do corpus e desafios de ensino de língua portuguesa” pretendíamos fazer uma breve descrição de como é usada a Língua Portuguesa (LP) em Moçambique por meio de análise de corpus e do manual de Língua Portuguesa do último nível do Ensino Secundário. Para isto, recorreremos ao método de Teste provocado submetido a 20 estudantes do 4º ano do curso de ensino de Português cuja missão era de produzir textos com a escolha individual dos títulos. No final, organizamos as categorias de desvios e tivemos 12 construções que consistiam na co-ocorrência dos pronomes relativos “Onde e Que”. Para a segunda categoria, que consistiu na falta de concordância entre o pronome de tratamento “Você” e pronome possessivo “Tu”, teve-se a entrada de 14 construções. Douro

lado, para as categorias de orações relativas, teve – se 18 entradas de orações relativas resumptivas; 9 para orações relativas copiadas e 27 construções relativas cortadoras.

Como não bastasse, recorreremos ao manual de Língua Portuguesa usado na 12ª Classe, o último nível do ensino secundário considerado máximo e suficiente para o ingresso ao Ensino superior. Numa unidade temática onde se aborda sobre as variações linguísticas, constatamos que as construções formadas e usadas pelos moçambicanos são consideradas como “incorrectas”, além de variantes.

Estes dados demonstram a necessidade de haver mais eventos onde se possa discutir questões de valorização das variações linguísticas, uma iniciativa que poderá ajudar não apenas aos alunos a compreenderem a necessidade desta valorização no meio social, como também de valorizar as formas únicas de uso de língua e uma possível proposta de Elaboração de Políticas Linguísticas que possam atender a estas diferenciações.

Agradecimentos

Os meus sinceros agradecimentos vão para a direção da faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Zambeze pelo apoio material e administrativo. Aos meus filhos, Rayan e Aylla de Sousa Bartolomeu.

Referências

- BAGNO, M. **Português ou brasileiro**: convite à pesquisa. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BARTOLOMEU, S. H. Análise das relativas de “Que e Onde” do Português oral Moçambicano. **Inventário**. n.32. Salvador, 2023. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/56154> [Acesso: 11/11/2025]
- BARTOLOMEU, S. H. e SANDACA, J. B. Influência da variedade linguística moçambicana nos textos produzidos pelos estudantes universitários. **Revista Educação em Páginas**, [S. l.], v. 4, n. 04. 2025. DOI: 10.22481/redupa.v4.15844. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/redupa/article/view/16988>. Acesso em: 11 nov. 2025
- CUNHA, C & CINTRA, L. **Breve Gramática do português contemporâneo**. Lisboa. Joao Sa de Costa, 1999.
- DE SOUZA, F. F. **O estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino**, 2016. [Trabalho de Conclusão do Curso, UFCG - Universidade Federal de Campina Grande]

FIRMINO, G. **Língua e Educação em Moçambique**. in Uso de línguas Africanas no ensino: Problemas e Perspectivas. *Caderno de Pesquisa*. n.26. INDE, Maputo. Disponível em <https://www.catedraportugues.uem.mz/lista-bibliografia> [Acesso: 11/11/2025]

GONÇALVES, P. & F. VICENTE (2005) **Perfil linguístico dos alunos da 10ª classe: Erros ortográficos e de acentuação** - Projecto “Introdução da disciplina de Português nos Institutos do Magistério Primário”. Maputo, 1998. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, Programa de Apoio ao Sector da Educação (PASE), Moçambique-Finlândia (não publicado).

GONÇALVES, P. & STROUD, C. Estruturas gramaticais do Português: Problemas e aplicações. **Cadernos de Pesquisa**. nº 27. V.2. Maputo. INDE, 1998. Disponível em <https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/PPOM%20III.pdf>. [Acesso: 11/11/2025]

LINDONDE, L. M. **As relativas oblíquas de locativo e outras construções aparentadas introduzidas pelos morfemas "onde" e "em que" no português de Moçambique**. Maputo. Editora Educar, 2018.

NGUNGA, A. e N. BAVO. **Práticas Linguísticas em Moçambique: Avaliação da Vitalidade Linguística em Seis Distritos**. (Coleção: “As nossas Línguas” IV). Maputo, 2011.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil. (Coleção Leituras no Brasil), 1996.

STROUD, C. **Os conceitos linguísticos de ‘erro’ e ‘norma’**. In C. STROUD & P. GONÇALVES (orgs) *Panorama do Português oral de Maputo*. Volume 2: A construção de um banco de ‘erros’, pp. 9-35. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. 1997.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WACHE, F. M. **O português em (De) Moçambique: Áreas de ruptura**. Maputo. Editora Real design, 2018.

SOBRE O AUTOR:

Sousa Horácio Bartolomeu. Licenciado em Ensino de Português, com habilidades adicionais em Ensino de Inglês. Concluiu os cursos de curta duração em inglês na World English Institute, nos Estados Unidos e em Espanhol na Fluency TV, no Brasil. É docente na Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da Universidade Zambeze.

Contribuição de autoria: Autor - <http://lattes.cnpq.br/2070984943246479>

Como citar este artigo

BARTOLOMEU, Sousa Horácio. Variação linguística moçambicana: análise do corpus e desafios de ensino da língua portuguesa. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 5 n. 5, 2026. DOI: 10.22481/redupa.v5i5.19029